

## A Psicanálise e a Escrita Literária – Interfaces

Lorene Moura Gualda

Eis o ofício, o labor, a luta. O passo inicial, o primeiro gesto, o primeiro traço, a mão em movimento ou o toque das pontas dos dedos nas teclas de um computador. O rompante que quebra a brancura, a limpidez, o equilíbrio, a monotonia da folha branca de papel. A folha em branco e o escritor. Um convite, um desafio, um enigma, um incômodo, uma angústia. A folha branca clama em ardor pelo traço, pela letra. O escritor capta, se enrola neste clamor, leva e é levado. Levado com as palavras, gracioso, jocosos, brinca de ser sério (e leva a sério a brincadeira, como já bem dizia o ditado popular) e, sendo sério, faz-se criança com brinquedo novo em mãos. Eis a escrita, eis a palavra, eis o escritor. A coragem, a bravura, o ato, a catarse, a necessidade, o desejo. E tantas outras especulações, tantas indagações, considerações, e uma só verdade: a obra literária. O produto final, o fruto. E a literatura nasce, e floresce, enquanto campo de saber, de novos sentidos, ou de *non-sense*, de devaneios, fantasias, imaginação, criação ou de estudo, ciência e produção, conhecimento.

E, deslizando entre os signos lingüísticos, me permito uma teia, um novelo que enodo (enrolo, embolo, ato, desato) vagarosamente, a fim de dar conta de algo que me mobiliza: A princípio, tecer considerações a respeito da interface Psicanálise e Escrita Literária. E aqui estou eu, entregue ao ofício e a todas as outras vozes que me perpassam, quer eu saiba ou não. Pouco importa, entrego-me ao idílio e espero considerar, ao meu modo, falar de laços entre estes dois campos tão instigantes, ainda que de forma não convencional, já que deixarei minha escrita fluir naturalmente. Um tanto quanto fora dos moldes cientificistas tradicionais, desejo fazer um texto-prosa-poesia e usar também de meu próprio processo de escrita para chegar ao objetivo proposto inicialmente. Ao final, mais um produto, mais uma teia. E, quem sabe, uma resposta para tantos questionamentos vindos desta folha branca de papel que ainda me contempla luminosa e ardorosa de... Vida?

“Sou onde não penso e penso onde não sou”. Assim Lacan faz reverberar as vozes ocultas do sujeito que se manifestam sempre às escondidas, às avessas, à revelia. Se o ato da escrita for este que escapa à consciência, que vai além para dizer daquilo que o sujeito não sabe, o escritor é um bravo. É aquele que se confronta e se espanta com sua própria loucura. O escritor é porque se permite ser. Ele dá voz à concatenação

da lógica inconsciente, dá voz àquilo que não quer calar, que não cessa de não se inscrever (escrever?). “A poesia contém um mistério não desvendado”, como cita Meneses (1995, p.14): o eterno mistério do sujeito do inconsciente.

A escrita se remete ao enigma do real que nos molda, que sempre retorna. **Remete-nos** ao corpo, à carne, ao real do sexo, da morte, “o verbo se faz corpo” (op. cit., p.27). A escrita é ato carnal, provém das entranhas, do âmago. E as palavras, “casadas” no papel como já bem citava Machado de Assis (1946), circundam este real que pulsa, incomoda, na tentativa de fazer-lhe borda, como também afirma Ferreira (2005). *Savoir-faire*, como dizia Lacan. Poderíamos falar em sublimação, já que a pulsão parte rumo à esfera da arte. “A vida é breve, longa a arte”, já lembrava Sêneca. “Em suma, em face do perigo pulsional, a sublimação constitui sem dúvida alguma a via régia, mas ela supõe dons especiais, permanece muitas vezes instável e não resulta da vontade consciente”, como bem declara Kaufmann (1996, p.497). Ocorreria então uma racionalização dos investimentos em um ideal socialmente aceito, como a arte da escrita. No entanto, quanto de excitação o sujeito seria capaz de suportar e dominar em seu aparelho psíquico, mantê-la em suspensão para se desviar da via sexual e orientá-la para a sublimação? Já se perguntava Freud.

O escritor é este que suporta o real, que quase apreende-o quando deixa-se tomar por ele, tocar e ser tocado, para logo depois confrontar-se com o horror e cuspi-lo bruto, nu e cru no papel. Muitos escritores chegam a relatar este espanto ao ler sua obra, agora o desconhecido, e se questionam se deveras haviam sido eles mesmos os autores daqueles textos: “Noventa por cento do que escrevo é invenção. Só dez por cento é mentira”, lembra, sarcástico, Manuel Bandeira. Trata-se de um ato súbito, quase um êxtase. A confluência entre sujeito e objeto, o deleite quase indizível do reencontro com o ser perdido, que num instante fracionário escapa e cola-se ao papel para tornar-se letra da cadeia significante, inscrição, e não mais possibilidade, devir, vir-a-ser, ou seja, não mais pura fantasia, atividade mental. “Na Literatura, como na Psicanálise, a relação sujeito/objeto é uma relação de sobreposição: sujeito e objeto confundem-se”. (MENESES, p.16). E, finalmente, terminada a obra, “o autor, como nome próprio, transforma-se em significante e vai morar no campo do Outro, tornando-se imortal”. (FERREIRA, p.18).

As palavras têm sexo, como bem citou Machado de Assis (1946). Se apaixonam, se casam e, finalmente, “traem o marido”, o escritor, que imiscui-se entre o sublime e o horror de ser traído por sua cria. A palavra traiçoeira declama em alto e bom

tom o indizível do escritor, que ele recolhe como fruto precioso ou expurga como excremento asqueroso. Objeto oferecido a outrem, como destaca Mannoni (1992), ou presente de si para si? Carne da sua carne. Puro parto, deleite. Sujeito desejante capaz de falar a partir de um lugar Outro? Ou que se esconde no deslize da cadeia frouxa de significantes?

A palavra corta, fere; o escritor é guerreiro e doma-a. Constrói com ela, a partir dela, “descola” significado e significante, e brinca com a possibilidade da metáfora, fazendo com que a partir daí surja o mundo, o mundo todo, a essência da infinitude, a liberdade de criar, de fazer a língua escrava de seu idílio, de seu desejo. Como bem cita Meneses, “a fala poética não é enfeite, adorno, um refinamento tardio (ou ‘sorriso da sociedade’), mas algo de essencial, de vitalmente necessário. A metáfora aparece como fruto de uma necessidade ineludível de expressão” (p.19). O escritor torna-se dono da verdade, da sua verdade, aquela que só ele sabe narrar, tecer em cadeias espirais, nas quais ele mesmo se encontra para logo depois se perder. O escritor aparece e desaparece... E a obra existe, ex-siste. Mas no final, ele se envergonharia de sua produção? Afinal de contas, é ele ou não é? Para o leitor, a questão que sempre retorna: é verossímil ou não? É real ou não? E o que seria real quando se adentra no campo das artes?

E, para concluir, retomamos Barthes e o exercício radical da linguagem: perante a língua o escritor é servo e senhor e, para transitar, para fazer Literatura, é preciso se deslocar. “Deslocar-se pode pois querer dizer: transportar-se para onde não se é esperado, ou ainda, e mais radicalmente, abjurar o que se escreveu (mas não, forçosamente, o que se pensou), quando o poder gregário o utiliza e serviliza”. (BARTHES, 1978, p.27). Deslocar-se da vida comum, das mazelas da existência humana, para mergulhar num lugar desconhecido, tão estranho e tão familiar. E, na escrita, deixar rastros de um sujeito evanescente que, através de um surto, fez-se presente e presente: para o escritor e para o leitor.

Fortaleza, abril de 2008.

“Deve-se escrever da mesma maneira como as lavadeiras lá de Alagoas fazem seu ofício. Elas começam com uma primeira lavada, molham a roupa suja na beira da lagoa ou do riacho, torcem o pano, molham-no novamente, voltam a torcer. Colocam o anil, ensaboam e torcem uma, duas vezes. Depois enxáguam, dão mais uma molhada, agora jogando a água com a mão. Batem o pano na laje ou na pedra limpa, e dão mais uma torcida e mais outra, torcem até não pingar do pano uma só gota. Somente depois de feito tudo isso é que elas dependuram a roupa lavada na corda ou no varal, para secar. Pois quem se mete a escrever devia fazer a mesma coisa. A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso; a palavra foi feita para dizer.” (Graciliano Ramos, romancista brasileiro, sobre a arte de escrever, em entrevista concedida em 1948).

### Imagem Tua

Amo a forma suave  
Com que a luz toca tua pele  
Te delineia a presença  
Irradiando os melhores ângulos  
Descobrimo novas facetas  
Que inundam o ambiente  
E todos evanescem  
Perante a sublime aparição  
Da beleza diáfana e serena  
Que exalas  
Invejo mais uma vez  
A luz que te toca  
E te carrega de brilho ensurdecido  
Que ofuscam meus olhos  
Ardem em minhas entranhas  
Rasgam-me a pele nervosa  
Envenenam minhas veias  
Raios que te cruzam  
Emolduram-te a face bordada  
Aveludada  
Aquarelada e colorida com destreza  
Teus traços sem rumo  
Que me cortam o ser extasiado  
Ante tua presença transbordante  
Meu ser naufragado  
Bálsamo de teus olhos riscados  
Rabisco perfeito  
Fios dourados  
Meu sol brilha ao teu redor  
Rendo-me.

(Lorene Gualda, poema publicado no *Espaço Impressões* do site do Dragão do Mar em 26 de novembro de 2007).

## **REFERÊNCIAS:**

ASSIS, Machado de. O Cônego ou Metafísica do Estilo. In: Várias Histórias. W. M. Jackson Inc Editores, 1946.

BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1978.

FERREIRA, Nadiá Paulo. **Amor, ódio e ignorância** – literatura e psicanálise. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos Livraria e Editora/Contra Capa Livraria/Corpo Freudiano do Rio de Janeiro, 2005.

KAUFMANN, Pierre. **Dicionário Enciclopédico de Psicanálise** – o legado de Freud e Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

MANNONI, Octave. **Um Espanto Tão Intenso** – a vergonha, o riso, a morte. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

MENESES, Adélia Bezerra de. **Do Poder da Palavra** – ensaios de Literatura e Psicanálise. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

SÊNECA. **Sobre a Brevidade da Vida**. São Paulo: Nova Alexandria, 1993.

**Lorene Moura Gualda**. Psicóloga, Psicanalista, Escritora e Cantora. Especializanda em Semiótica Psicanalítica – Clínica da Cultura pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo